



Medievalis

v. 8, n. 1 (2019)

| 1

Peculiaridades das soldadeiras no universo feminino da Idade Média

Lucía Sande Siaba¹

Resumo: Desde as últimas décadas do século passado, os estudos literários desde uma perspectiva de gênero têm aumentado consideravelmente. No âmbito da literatura medieval, hoje são abundantes os trabalhos que abordam diversos aspectos relacionados com a participação ou representação das mulheres nos circuitos culturais e literários. No caso da lírica medieval galego-portuguesa, o estudo da representação feminina, principalmente nos gêneros amorosos (as cantigas de amor e as cantigas de amigo), tem sido muito prolífico pois a mulher é a figura central desse universo literário. Mas também no outro grande gênero lírico, as cantigas de escárnio e maldizer, a imagem da mulher tem uma especial importância, já que é construída, na maioria dos casos, por oposição à mulher nos gêneros amorosos. No presente trabalho nos questionaremos sobre a reprodução dos modelos femininos nos trabalhos que estudam a imagem da mulher na literatura medieval, perpetuando os estereótipos medievais e uniformizando o universo feminino. Isto nos levará a refletir sobre a pertinência da aplicação de uma perspectiva interseccional nos estudos literários medievais.

Palavras-chave: soldadeiras, mulher medieval, lírica galego-portuguesa.

Resumen: Desde las últimas décadas del siglo pasado, los estudios literarios desde una perspectiva de género han aumentado considerablemente. En el ámbito de la literatura medieval, hoy son abundantes los trabajos que abordan diversos aspectos relacionados a la participación o representación de las mujeres en los circuitos culturales y literarios. En el caso de la lírica medieval galego-portuguesa, el estudio de la representación femenina, principalmente en los géneros amorosos (las cantigas de amor y las de amigo), ha sido muy prolífico ya que la mujer es la figura central de ese universo literario. Pero también en el otro gran género lírico, el escarnio, la imagen de la mujer tiene una especial importancia, ya que es construída, en la mayoría de los casos, por oposición a la mujer en los géneros amorosos. En el presente trabajo cuestionaremos la reproducción de los arquetipos femeninos en los trabajos que estudian la imagen de la mujer en la literatura medieval, perpetuando los estereotipos medievales y uniformizando el universo femenino. Esto nos llevará a reflexionar sobre la pertinencia de la aplicación de una perspectiva interseccional en los estudios literarios medievales.

Palabras clave: soldaderas, mujer medieval, lírica galego-portuguesa.

¹ Mestre em Educación Secundaria e em Estudos Medievais Europeos: Imaxes, Textos e Contextos pela Universidad de Santiago de Compostela (Espanha). Graduada em Filoloxia Galega pela Universidade da Coruña (Espanha).

<http://lattes.cnpq.br/7577661234548247>

E-mail: lucia.s.siaba@gmail.com





Introdução

A partir dos anos oitenta, com a introdução da perspectiva de gênero nos estudos históricos e literários, foram aparecendo estudos que tratavam da situação das mulheres na Idade Média, da sua participação nos círculos culturais e literários, assim como da sua representação nas obras de autores masculinos. A nível internacional foram pioneiros os estudos históricos da pesquisadora canadense Margaret Wade Labarge (2003) ou a francesa Régine Pernoud (1991). Destacam-se também os estudos de Georges Duby, centrados principalmente nas mulheres do s. XII e a compilação que faz este autor com Michel Perrot chamada *Histoire des femmes en Occident* (1990), que dedica um dos seus volumes a mulher medieval.

Na Península Ibérica os estudos de gênero ou estudos sobre a mulher começaram a aparecer mais timidamente a partir dos anos noventa devido à situação política, marcada pela permanência de ditaduras ultracatólicas até a metade dos anos 70, que resultaram no atraso do surgimento do movimento feminista. No âmbito galego-português uma das iniciadoras deste caminho foi a historiadora M. Carmen Pallares com livros como *A vida das mulleres na Galicia medieval* (1993) e, mais recentemente, *Historia das mulleres en Galicia. Idade Media* (2011). No campo literário galego-português marcam o início os estudos de Mercedes Brea “Dona e senhor nas cantigas de amor” (1989) e, mais tarde, o de José Luis Rodríguez, “A mulher nos Cancioneiros. Notas para um anti-retrato descortês” (1993) ou a análise de Esther Corral no livro *As mulleres nas cantigas medievais* (1996), entre outros. Na atualidade esses temas têm sido muito pesquisados e já são abundantes os trabalhos que tratam desse assunto desde diferentes perspectivas.

Tal como o projeto global de investigação histórica batizado em inglês com o rótulo, eloquente e intraduzível, de *herstory*, a história literária feminista abrange a recolha de informações e a formulação de questionamentos sobre o protagonismo de mulheres no campo da produção cultural; a revisão do conhecimento histórico institucionalizado à luz de programas de investigação que legitimam a ênfase no gênero sexual como o filtro epistemológico decisivamente relevante; e a desconstrução e reterritorialização das macronarrativas identitárias com o objetivo político da renegociação global do contrato social e simbólico que tem regido as relações entre os sexos. (KLOBUCKA, 2008: 14)

Alguns historiadores como Ferruccio Bertini (1991) defendem que a reconstrução da história das mulheres deve partir unicamente dos escritos que elas mesmas escreveram, mas é preciso ter em consideração os escassos que são esses textos e as dificuldades que





enfrentavam as mulheres para escrever e ainda mais para fazer circular as suas criações. Além do mais, no âmbito galego-português não contamos com escritos de mulheres na Idade Média como acontece no caso da lírica occitana com as *trobairitz* (séculos XII e XIII) nem com outro tipo de escritoras como a veneziana Christine de Pisan (séculos XIV e XV) que, graças ao seu livro *A Cidade das Damas*, é considerada uma das precursoras do feminismo pela reivindicação que faz do papel das mulheres na história.

A pesquisadora Anna Klobucka, recolhe no seu artigo “Sobre a hipótese de uma *herstory* na literatura portuguesa” (2008) a tentativa, desde um ponto de vista utópico, de algumas pesquisadoras atuais que defendem a importância do sujeito lírico frente à autoria. Pesquisadoras como Isabel Allegro Magalhães ou Maria Graciete Besse defendem que no caso das cantigas de amigo galego-portuguesas estaríamos ante uma visão de mundo feminina.

O apelo utópico da postulada relação igualitária verifica-se tão poderoso que até a autora de *O Tempo das Mulheres* afirma não importar que as cantigas de amigo «sejam obra de homens, uma vez que as mulheres não são apenas a fonte e o público desta poesia, elas não são apenas as suas personagens centrais, mas são ainda o filtro através do qual se olha a vida» (Magalhães, 1987: 108). É semelhante a perspectiva que Maria Graciete Besse, num estudo mais recente, assume ao sustentar que «as cantigas de amigo desenham uma sociedade matriarcal caracterizada pela ausência do Pai ou do Amante, através do ponto de vista dos poetas que observam o mundo com olhos de mulher, revelando um certo conhecimento da psicologia feminina» (BESSE, 2001: 16). (KLOBUCKA, 2008: 21)

Compartilhamos a opinião de Anna Klobucka ao considerar exageradas ou utópicas estas afirmações pois mesmo que através das cantigas de amigo possamos aceder a um universo lírico feminino, provavelmente muito influenciado por composições populares orais anteriores, está limitado a umas normas bastante rígidas de criação literária dentro de um contexto totalmente masculino. Por isto, parece mais apropriado tentar restaurar a presença das mulheres em determinados ambientes recorrendo às representações que delas se fazia na literatura, também nas cantigas de amigo, em lugar de pretender ver nelas um “filtro através do qual” as mulheres viam a vida.

Por isso se torna importante conhecer o papel das mulheres no âmbito cultural, não só como participantes do meio ou como criadoras, senão também como objeto representado. Tradicionalmente a mulher tem sido objeto de representação nas artes e na literatura e a sua imagem está fortemente ligada ao imaginário moral de cada época. Desde a Antiguidade, autores clássicos como Platão e Aristóteles defenderam a





inferioridade física e intelectual das mulheres, mas será na Idade Média quando se cristalizarão os arquétipos femininos que dominarão o imaginário ocidental cristão até os nossos dias.

A importância de Eva no imaginário medieval é fundamental para compreender as características negativas atribuídas às mulheres, geralmente representadas como tentadoras, incitadoras do pecado e da expulsão do paraíso. Obras como as de Santo Agostinho ou São Tomás de Aquino definiram as mulheres como seres de segunda ordem, pondo em dúvida se estas eram possuidoras de alma. Essas ideias tiveram um grande impacto no pensamento medieval que definia as mulheres como seres subalternos e demarcava claramente qual devia ser o seu papel na sociedade. Por esses fatores, as suas vidas deviam estar sempre subordinadas aos interesses masculinos, não se permitindo a existência de mulheres não tuteladas por homens: primeiro o pai e depois o marido ou os irmãos, restando apenas uma única opção além destas, a consagração à vida religiosa. Na Baixa Idade Média, com a expansão do culto mariano, outra imagem de mulher passou a ter importância dentro do imaginário social medieval: a imagem da virgem, da mulher anjo, livre de mácula e de todo pecado. Mas tampouco este tipo de mulher de altas qualidades morais poderia se liberar da tutela masculina já que se considerava que a mulher tinha uma “tendência natural ao engano, à tentação e à mentira” como recolhem vários textos de caráter legislativo na Idade Média como as Partidas, El fuero Real e El espéculo, da época de Alfonso X. (PALLARES, 1993: 16-17)

A partir dessas duas imagens religiosas são criados os arquétipos femininos da “mulher demônio” e da “mulher anjo” que transcenderão a época medieval e se instalarão no imaginário social das sociedades ocidentais cristãs. Esses dois modelos do feminino têm uma longa tradição na representação literária das mulheres que começa, na Península Ibérica, com as primeiras manifestações literárias em língua românica: a lírica medieval galego-portuguesa, tanto profana quanto religiosa. Por tudo isso, para compreendermos a profundidade cultural da imagem das mulheres que se transmitia na literatura não é suficiente olhar para os textos literários, é preciso olhar também os “bastidores” do universo cultural no qual foram produzidas as obras. A pesquisadora Vanda Anastácio diz, referindo-se as mulheres dos séculos XVIII e XIX, que:

Para estudar as autoras de língua portuguesa que viveram e escreveram antes de 1822 (tal como para estudar a História da presença das Mulheres no campo intelectual) é fundamental olhar para os bastidores e tentar ver aquilo que o discurso oficial e escondeu. Fontes como a correspondência, os diários, as memórias e até os processos inquisitoriais ou os arquivos das instâncias encarregadas de vigiar a circulação dos objectos impressos





no espaço imperial são especialmente ricos em informação. Ao contrário do que possa parecer, o mais difícil é encontrá-las nos manuais de história literária. (ANASTACIO, 2011: 220)

Isto pode se aplicar também ao contexto da Idade Média, já que contamos com fontes não literárias como os textos legislativos, os processos judiciais e mesmo as artes plásticas, como no caso das iluminuras do Cancioneiro de Ajuda, que nos aportam valiosíssimos dados sobre a vida das mulheres e a sua participação no universo cultural da época que não aparecem recolhidos nos textos literários. Por tudo isto, se queremos continuar a resgatar a presença das mulheres na literatura devemos olhar atentamente os textos e a representação que delas se faz neles e, ao mesmo tempo, tentar compreender qual era a sua situação social através de outros meios não literários que estejam ao nosso alcance.

As mulheres na lírica medieval galego-portuguesa

No caso da lírica medieval galego-portuguesa, a importância da imagem da mulher é fundamental. Elas são as protagonistas indiscutíveis dos gêneros amorosos: tanto as cantigas de amor quanto as de amigo giram em torno de personagens femininos, ainda que muito estereotipados. E até na lírica religiosa a figura central é a Virgem Maria. Mas será que podemos falar de uma única imagem de mulher? Tentar reunir todas as características atribuídas a elas para conformar uma única representação, ou duas, tomando em consideração os arquétipos de “mulher anjo” e “mulher demônio” estabelecidos pela igreja católica?

Nos últimos anos, ao tentar reescrever a história das mulheres tem-se tratado o universo feminino como se fosse um só, ainda que dual, como se o fator “sexo biológico” fosse o único relevante e só ele determinasse as características psicológicas individuais das mulheres. Quando falamos das opções de vida das mulheres na Idade Média, repetimos que só tinham duas: o casamento ou a consagração à vida religiosa. Será que isso se aplicava às mulheres de todas as classes sociais? Não existiriam as camponesas, mães solteiras, as empregadas nas casas senhoriais que não contavam com nenhuma dessas opções, as prostitutas, as migrantes...? Quando falamos das mulheres, no geral, tendemos a falar das mulheres privilegiadas socialmente, mas é claro que, ao igual que acontece na sociedade atual, não todas as mulheres contavam com as mesmas possibilidades pelo simples fato de serem mulheres. Esta ideia da desigualdade social





entre as mulheres foi colocada na pauta dos estudos de gênero dentro do marco teórico do feminismo negro, principalmente a partir da década de 1990. Foram muitas as autoras que privilegiaram “a discussão de experiências e vivências que articulam categorias que, historicamente, foram conceituadas isoladamente” (DÍAZ-BENÍTEZ; MATTOS, 2019: 81). Foi o caso de Angela Davis, bell hooks, ou Patricia Hill Collins, entre outras. E é neste momento quando começa a ser usado o conceito de interseccionalidade.

Interseccionalidade, lembram as autoras, consiste em entender as relações sociais como construções simultâneas em distintas ordens de raça, classe, sexo e gênero, sempre levando em conta os diferentes contextos sociais e históricos. Isso nos permite observar as possibilidades que têm os agentes sociais de esticar ou reduzir uma faceta de sua identidade, a depender do contexto determinado, ou de que, na interação social, um daqueles signos seja mais facilmente manipulado como marcador principal. (DÍAZ-BENÍTEZ; MATTOS, 2019: 81)

Em um artigo recente intitulado “Ler (e pensar) as soldadeiras: um olhar interseccional sobre a lírica trovadoresca” (2021), o professor Henrique Marques Samyn chama a atenção sobre a importância de aplicar uma metodologia interseccional na pesquisa sobre as mulheres da Idade Média, uma metodologia que ele já vem utilizando nos seus últimos artigos sobre soldadeiras como Maria Negra ou Major Garcia, que o levaram a entender como também estas mulheres eram “distintamente afetadas por forças opressoras no âmbito da sociedade patriarcal” medieval. Por tanto, não devemos mais tratar cada um dos condicionantes sociais de gênero, raça ou classe de forma isolada pois são “forças que operam dialeticamente”. Quando analisamos a imagem das mulheres nas cantigas de amor e a confrontamos com a imagem da mulher nas cantigas de amigo, rapidamente podemos observar como o fator gênero não é o único que prevalece na descrição das características tanto físicas como psicológicas das mulheres. Enquanto as mulheres das cantigas de amor se apresentam como invariavelmente indiferentes, altivas, como seres superiores aos que se rende vassalagem, as mulheres das cantigas de amigo, salvo em poucos casos, são acessíveis e estão expostas em lugares abertos. A dama da cantiga de amor é um ser completamente tipificado e mesmo divinizado. A louvação da dama, um dos temas principais nas cantigas de amor, se faz desde um plano subjetivo no que se utilizam formas muito imprecisas para referir-se à formosura de seu rosto, a sua forma de ser (*bon sen*) ou a sua consideração social (*bon prez*), ressaltando sempre a relação com o divino e polo tanto incorpóreo (CORRAL, 2010: 57-59). A atitude da dama também é definida seguindo os tópicos da *mesura*, polo que se comporta sempre como





um ser frio e distante com o pretendente ao que muito raramente o corresponde satisfatoriamente.

No outro gênero amoroso, a cantiga de amigo, apesar de a mulher descrita continuar sendo ideal, aparecem certos elementos que se referem a sua corporeidade a través da utilização de um vocabulário específico deste gênero como pode ser: velida, louçaa, delgada, corpo delgado, corpo velido, ben talhada... (CORRAL, 1996: 351) Observa-se neste gênero uma maior complexidade e variedade no que se refere aos termos e aos tipos de figuras femininas que aparecem, pois introduzem-se uma série de motivos novos que atendem, principalmente, a caracterização feminina. Ademais, inserem-se nesta tipologia novas personagens femininas como a mãe ou a amiga que atuam como confidentes ou conselheiras. A “amiga” é a que faz uma loa da própria formosura através do "autoelogio" recorrendo a vocabulário como fremosa ou de bon parecer.

O que justifica esta diferença na descrição das mulheres, a maior corporeidade e acessibilidade da “amiga” em comparação com “senhor” é precisamente a classe social. Enquanto a dama das cantigas de amigo é de origem nobre, a mulher na cantiga de amigo é de origem humilde, uma camponesa que faz uma vida comum ao ar livre, que lava as roupas no rio e assiste às festas religiosas populares. Esta distinção, muitas vezes assinalada pelos medievalistas não é menor e exemplifica a necessidade de refletirmos, ainda quando falamos de uma época tão distante como a Idade Média, sobre a necessidade de enxergar os diferentes condicionantes sociais atuando de maneira conjunta. Quando trabalhamos com a imagem das mulheres nos gêneros amorosos não podemos esquecer que o fator gênero é fundamental, mas ao mesmo tempo o fator classe social também está atuante nesse contexto e marcando uma grande diferença entre a descrição de uma dama nobre e, portanto, rica, e outra de origem humilde.

As cantigas de escarnio e maldizer

As cantigas de escarnio e maldizer são uma magnífica exceção às normas poéticas imperantes nos demais gêneros em relação ao conteúdo. É através delas que acedemos a um imaginário menos idealizado. Mesmo assim, é preciso ter em consideração que as cantigas, mesmo as de escarnio, eram produzidas dentro do espaço da corte pelo que precisavam contar com o beneplácito do poder. Não é nenhuma novidade que a literatura tem servido tradicionalmente como agente de poder e o caso da lírica medieval galego-portuguesa não é uma exceção.





O gênero de escarnio e maldizer, terceiro grande gênero dos cancioneiros galego-portugueses, teve muita influência do sirventes occitano, estas composições eram muito similares às cansós em termos formais mas tratavam de temáticas muito diversas, que podiam ir desde o conteúdo moral ou político à crítica literária ou ao escarnio pessoal, geralmente em tom satírico. O escarnio galego-português também introduzirá muitos destes temas, mas dando prioridade às sátiras pessoais ou morais. É esta variedade de motivos temáticos a razão por que este gênero apresenta grandes problemas quando se trata de classificar as composições, pois não apresenta um critério claro. Tendo em consideração o exposto na Arte de Trobar poder-se-ia fazer uma distinção dentro destas cantigas entre as cantigas que criticam de forma aberta e clara, sem duplo sentido (cantigas de maldizer) e as que fazem uma crítica indireta, através do uso da *aequivocatio* e do duplo sentido (cantigas de escarnio). Sob esse rótulo global acham-se muitos subtemas como os escárnios sociais, os literários ou os pessoais.

As normas que regiam a vida da corte eram muito estritas. Cada indivíduo tinha obrigações em função de sua posição na escala social, sendo a mobilidade e a ascensão social praticamente impossíveis. Nas composições satíricas era muito frequente a crítica a diversos tipos sociais que não se correspondiam com o esperado para o seu status. Assim como nos casos em que os senhores são ridicularizados por não cumprirem com as suas obrigações militares para com o rei, ou os clérigos por não seguirem o voto de castidade, é claro que o coletivo das mulheres também se veria ridicularizado socialmente quando mostrasse uma conduta desviante em relação às normas sociais da época. São comuns, por exemplo, as cantigas sobre religiosas ou soldadeiras.

Nos textos nos quais as protagonistas são mulheres, é habitual encontrar o mesmo código poético utilizado nos gêneros amorosos ainda que em sentido negativo ou utilizando a ironia, com a finalidade de transmitir a ideia contrária, a de fealdade, tanto física quanto moral. Pode-se afirmar que estamos ante contra-textos. Uma das diferenças fundamentais entre a mulher idealizada nos gêneros amorosos e a mulher representada nas cantigas de escarnio é a falta de corporeidade da primeira. Nas cantigas de amor, o amor é elevado a uma finalidade nobre por parte do poeta que apreciava o prazer estético (MINIC-VIDOVIC, 2010: 346), pelo que o corpo da dama não era mencionado. No caso das cantigas de amigo, como comentamos anteriormente, as referências ao seu corpo e a sua acessibilidade eram um pouco maiores, mas mesmo assim, continuavam sendo muito reduzidas pois se enquadravam ainda dentro dos moldes do amor cortês.





O caso das soldadeiras

O caso das soldadeiras é um exemplo paradigmático de como através do escárnio se julgava e condenava na praça pública as mulheres que não se encaixavam nos exemplos de moral da época. Nessas cantigas o elemento corporal e os comportamentos sexuais aparecem constantemente e para referir-se a eles admite-se a utilização de léxico vulgar e obsceno. Estas mulheres, participantes ativas do espetáculo trovadoresco, cantavam e dançavam acompanhando os trovadores e jograis nas suas apresentações. Que saibamos, não eram casadas, nem freiras, nem dependiam da tutela masculina de nenhum parente. Recebiam um pagamento pelos seus serviços artísticos que, embora menor que o dos seus colegas homens, permitia que tivessem certa independência económica. Todo isto as tornava um péssimo exemplo para as mulheres da época que deviam permanecer submetidas à sociedade patriarcal e cristã medieval.

Sem dúvida foi o seu estilo de vida contrário aos padrões da época o que fez com que fossem brutalmente atacadas nas cantigas de escárnio e maldizer. Dentro do conjunto de textos satíricos da lírica medieval galego-portuguesa a figura das soldadeiras está presente, segundo G. Videira Lopes, em 43 cantigas de escárnio de 13 autores diferentes, dez por cento do total destas composições, constituindo o grupo social mais representativo. O fato de que se dedicassem tantas cantigas a estas mulheres mostra tanto a sua relevância no âmbito cultural da época quanto a necessidade de deixar clara a sua exclusão moral e social para que não se tornassem um exemplo para outras mulheres do mesmo contexto. Outra característica das cantigas que falam das soldadeiras é a frequente utilização dos seus nomes, uma prática que as individualiza não só ante as outras mulheres, mas também dentro do seu próprio coletivo.

Falávamos ao referir-nos às mulheres na lírica amorosa da importância de aplicar um enfoque interseccional ao estudo das mulheres no que o fator sexo biológico não fosse o único relevante. Comentamos a diferença entre a classe social das “senhores” e das “amigas”. Quando falamos das mulheres no gênero de escárnio e maldizer diferenciamos unicamente entre as religiosas e as soldadeiras, mas como veremos, existem outras características relevantes que nos podem ajudar no processo de recuperação da imagem das mulheres medievais.

Como comentamos, as cantigas de escárnio e maldizer não são tão rígidas em termos de conteúdo quanto as cantigas amorosas, o que nos permite conhecer melhor alguns dados sociais e históricos, tendo sempre presente que estamos ante composições de caráter literário e de que não devemos dar por certas todas as coisas que nelas se falam.





Mesmo assim, podemos afirmar que existiam diferentes imagens de mulheres dependendo dos seus condicionantes sociais: as nobres e ricas, as camponesas, as religiosas e as soldadeiras. Mais além disso, e graças a algumas composições de escárnio, sabemos que algumas mulheres tinham outras características que as diferenciavam das outras e as tornavam mais vulneráveis ao escárnio público. Este é o caso por exemplo das mulheres homossexuais (tanto religiosas como soldadeiras) que aparecem retratadas em algumas composições como a cantiga de Afonso Eanes do Cotom Mari´Mateu, ir-me quer´eu daqué, na qual se fala que a soldadeira gosta tanto do sexo feminino quanto o trovador. No artigo anteriormente referido do professor Henrique Marques Samyn que mencionamos anteriormente se fala da necessidade de “optar pela verticalização e pela singularidade, em vez de propor uma análise mais horizontal e panorâmica” como habitualmente se vem fazendo. Ao adotar esta perspectiva podemos centrar-nos nas características individuais destas mulheres e não nas coletivas que constituiriam uma espécie de “configuração arquetípica da ‘mulher desviante’”, que ajuda a reforçar os estereótipos patriarcais.

Conclusão

Neste trabalho tentamos fazer uma breve reflexão sobre os caminhos da pesquisa literária desde a perspectiva de gênero na Idade Média, concretamente na lírica medieval galego-portuguesa. Como comentamos ao início, atualmente são muitos os trabalhos nesse campo que tentam recuperar a presença das mulheres na história cultural e literária. Para isso, tem-se trabalhado com as obras literárias e a imagem das mulheres que nelas se transmite, mas também com os demais documentos com que contamos da época. Todo isso nos levou a perceber quão estereotipada era a imagem das mulheres tanto nos gêneros amorosos quanto no gênero do escárnio. Enquanto nos gêneros amorosos a imagem da mulher se aproxima do estereótipo da “mulher anjo”, nas cantigas de escárnio e maldizer estamos mais próximos da “mulher demônio”. Estas duas faces da mesma moeda eram as imperantes na sociedade cristã medieval e esses estereótipos, muito reproduzidos na literatura posterior, permaneceram até os nossos dias.

Com o tipo de pesquisa que se tem feito nos últimos anos se tem contribuído a perpetuar essa imagem indo à procura de generalizações, das características comuns a todas as mulheres para criar uma espécie de modelo único de mulher. Mas a partir de um enfoque mais atual, centrado na diversidade e na interseccionalidade podemos olhar essas





composições com um novo sentido, procurando as diferenças em lugar das semelhanças a fim de restaurar a memória dessas mulheres diversas, com problemáticas e condicionamentos diferentes sem pretender uniformizá-las como se o fato do sexo biológico limitasse o espectro de possibilidades de vida das mulheres na sociedade medieval.

Referências

ANÁSTACIO, Vanda. Mulheres varonis e interesses domésticos: reflexões acerca do discurso produzido pela história literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX. In: Colóquio literatura e história: para uma prática interdisciplinar, 1, Lisboa, 2005 - "Literatura e história: para uma prática interdisciplinar : actas". Lisboa: Universidade Aberta, 2005, p. 427-445.

BLANCO MONTECELOS, S. (trad.). Cristina de Pizán. A cidade das mulleres, Santiago de Compostela: Sotelo Branco, 2004.

BERRTINI, F. (ed.), La mujer medieval, Madrid: Alianza, 1991.

BREA, M., “Dona e senhor nas cantigas de amor”, In: Homenaje al profesor Luis Rubio, IV, Murcia: Universidad de Murcia, 1987-88-89, p. 149-170.

BOURDIEU, P. La dominación masculina. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

CORRAL, E. A denominación dona nas cantigas de amigo. In: Homenaxe ó profesor Constantino García, II, Universidade de Santiago de Compostela, 1991, p. 275-283.

_____, E., As mulleres nas cantigas medievais, Sada: Edicións do Castro, 1996.

_____, E. (coord.), Guía para o estudo da lírica profana galego-portuguesa. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 2010.

DUBY, G.-PERROT, M., Historia de las mujeres en Occidente, vol. II: La Edad Media, Madrid: Taurus, 1992.





KLOBUCKA, A. Sobre a hipótese de uma herstory da literatura portuguesa. In: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Veredas, n. 10, p. 13-25, 1 dez. 2008

LANCIANI, G.- TAVANI, G., As cantigas de escarnio, Vigo: Edicions Xerais, 1995.

| 12

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O Tempo das Mulheres. A Dimensão Temporal na Escrita Feminina Contemporânea. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Rastros de Eva no imaginário Ibérico. Santiago de Compostela: Edicións Laidvento, 1995.

MENÉNDEZ PIDAL, R., Poesía juglaresca y juglares. Orígenes de las literaturas románicas, 9ª ed., Madrid: Espasa Calpe, 1990.

PALLARES, M. C., A vida das mulleres na Galicia Medieval (1100-1500), Santiago de Compostela: Biblioteca de divulgacion, 1993.

_____, M. C., Historia das mulleres en Galicia. Idade Media, Santiago de Compostela: Nigratea, 2011.

RESENDE DE OLIVEIRA, M., Trobadores e xogares. Contexto histórico, Salamanca: Xerais, 1995.

SAMYN, H. M. Ler (e pensar) as soldadeiras: um olhar interseccional sobre a lírica trovadoresca. In: SILVEIRA, M. de C.; MARTINS, R. R. (Orgs.) Conexões Medievais. Rio de Janeiro: Chalé Editorial, 2021.

WADE LABARGE, La mujer en la Edad Media, Madrid: Nerea, 2003.

